

# O lugar da família como promotora da inclusão social na cultura da supermodernidade

The place of the family as a promoter of social inclusion in the culture of supermodernity

Jussara de Lima Bonacina<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como foco principal refletir e analisar o lugar da família e o seu papel como promotora da inclusão social, nos dias de hoje. Entender sua complexidade requer a compreensão de sua história cultural, sua estrutura e características de funcionamento, numa visão holística e transdisciplinar. Enfatiza também a família inclusiva que ao ter um bebê deficiente e com ajuda especializada em Estimulação precoce, bem orientada, com ações positivas frente às diferenças, saberá negociar “entre-lugares”, lugares e “não-lugares”, no cotidiano; fará da educação inclusiva um espaço solidário e inovador, deixando suas marcas na cultura desse século. Há diversos tipos de família com seus conflitos/ crises e necessidades, porém a família ideal é aquela que cumpre com o seu papel social de cuidar/educar, proteger/dar afeto a todas as crianças com ou sem deficiência.

**ABSTRACT:** This article focuses primarily reflect and analyze the place of the family and its role as a promoter of social inclusion nowadays. Understanding its complexity requires an understanding of its cultural history, its structure and operating characteristics, in a holistic and transdisciplinary view. It also emphasizes the inclusive family that having a disabled infant and expert help on Early stimulation, well directioned, with positive action face of differences will know how to negotiate “between-places,” places and “non-places”, in everyday will make inclusive education a supportive and innovative space leaving their mark on the culture of this century. There are several types of families with conflicts / crises and needs, but the ideal family is one that fulfills their social role of caring/educating, protecting/ giving affection to all children with or without disabilities.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle – Unilasalle. Endereço eletrônico: [jussara-bonacina@hotmail.com](mailto:jussara-bonacina@hotmail.com)

**UNITERMOS:** Lugar da família, Cultura, Estimulação precoce, Inclusão social.

**KEYWORDS:** Place of the family, Culture, Early Stimulation, Social Inclusion.

## Histórico da família

Na Antiguidade, segundo Ariés (2006), a família configurava-se pelo casamento monogâmico, heterossexual, pelo modelo patriarcal e pela propriedade privada. Sem função afetiva, fomentava suas comunicações sociais entre vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens. A família da Idade Média (séc. XIV e XV) estava absorvida de ações públicas e havia uma exteriorização das atividades e da vida; até o final do séc. XVI, não havia lugar para o privado. A organização sociopolítica da época não permitia a eclosão do sentimento de infância; não havia desequilíbrio funcional na família. Ela cumpria a função de garantir a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, sem muita intimidade. A civilização medieval ainda não tinha ideia da educação; a criança desmamada aos sete anos juntava-se aos adultos de forma natural. Problemas emocionais e de relacionamento não havia nessa época.

No fim do século XVI e durante todo o século XVII, a família já ocupava um outro lugar na cultura, onde o sentimento e as crianças passam a ter significado; a educação, a carreira e o futuro passam a ser uma preocupação para os pais. A escola, de ordem religiosa, deixa de ensinar os adultos, para investir nas crianças e nos jovens, fortalecendo seus pais como guardiões espirituais dos filhos. Acreditava-se que a criança era imatura para conviver diretamente com os adultos, precisando ser preparada e cuidada para tal. Percebe-se claramente, na cultura, uma grande evolução nas funções sociais da família, daquele lugar antes ocupado por ela. Para Ariés, “[...] A família deixou apenas de ser uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas”. (ARIÉS, 2006, p. 194).

Com a educação escolar nos séculos XVIII e XIX, o cuidado e o afeto passaram a ocupar um espaço na família moderna, onde a criança é retirada da sociedade dos adultos, através de uma disciplina rigorosa dos internatos. Já a família moderna, no seu entre-lugar na cultura, com mais intimidade, prioriza a moral, a identidade, o sentimento de seus membros, o costume e o gênero de vida.

## Conceituando a família hoje...

Com as guerras na Europa, alteram-se as relações pessoais e sociais na família. Surge um sentimento de viver tudo intensamente: a criança é vista como esperança, amplia-se a solidariedade, o espírito de comunidade e de cuidado mútuo.

A família da pós-modernidade, segundo a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco, é, em todos os sentidos, um produto da evolução. É influenciada pela globalização, pelas mudanças demográficas, econômicas e culturais, sofrendo alterações de ordem interna e externa, na sua organização e estrutura, necessitando adequar-se aos costumes e às práticas dominantes.

Para a autora, a partir de 1960, passam a existir, além das famílias tradicionais, monoparentais, reconstruídas, ampliadas, as famílias não convencionais, que unem duas pessoas, por um determinado tempo, com o objetivo de buscar, nas relações íntimas, uma realização sexual mais satisfatória. Com tantas mudanças frente às separações, aos divórcios e às novas uniões conjugais, a transmissão da autoridade fica bastante comprometida, fragilizando-se. A autora salienta que:

“Na época moderna, a família ocidental deixou, portanto de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado”. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade. (ROUDINESCO, 2003, p. 20).

Para Minuchin, “a família é uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento. Estas diferem junto com parâmetros de diferenças culturais, mas possuem raízes universais” (MINUCHIN, 1990, p. 25). Já Pichon Rivière define a família como a “estrutura social básica, que se configura pelo entrelago de papéis diferenciados (pai, mãe, filho), entrelago que constitui o modelo natural da interação em grupo” (RIVIÈRE, *apud* SOIFER, 2004, p. 22). Soifer já amplia esse conceito, caracterizando a família como:

[...] estrutura social básica, com entrelago diferenciado de papéis, integrada por pessoas que convivem por tempo prolongado, em uma inter-relação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro da qual se vai desenvolvendo a criatura humana, premiada pela necessidade de limitar a situação narcísica e transformar-se em um adulto capaz, podemos postular que a DEFESA DA VIDA é seu objetivo primordial. (SOIFER, 1994, p. 23).

## Modelo Familiar

Sabe-se que o homem ao se constituir socialmente em grupo, desde as sociedades primitivas, por ser inerente à condição humana, vai se organizando e se diferenciando, cada um em sua função dentro das diferentes culturas. À medida que as sociedades foram se complexificando, o homem teve de adquirir novas habilidades, diante da sociedade industrial urbana e, conseqüentemente, adaptar-se à situação socioeconômica, em constante mudança. Numa sociedade em permanente transformação, pode-se dizer, então, que o homem está sempre em busca de um lugar que o identifique na cultura. É como bem nos diz Bhabha:

[...] Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do presente... [...] encontramos-nos num momento de trânsito em que o espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. (BHABHA, 2003, p. 19).

O homem precisa, como ser humano, de uma identidade; necessita sentir-se pertencente a um grupo social, carece de um “entre-lugar” que o ajude na “[...] elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”. (Idem, p. 20).

Para Minuchin, a família tem assumido ou renunciado, cada vez mais, às funções de proteção e socialização de seus membros. Segundo tal autor, “[...] as funções da família atendem a dois diferentes objetivos. Um é interno – a proteção psicossocial de seus membros; o outro é o externo – a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura” (MINUCHIN, 1990, p. 52), sinalizando que a família necessita ser um espaço de aconchego para a criança, pois entre suas inúmeras funções, o controle e a segurança são elementos fundamentais para satisfazer a parte mais imatura e narcísica da sua personalidade. A criança depende e necessita de seu grupo familiar, como exigência vital ao seu processo de maturação física e mental. Soifer comunga com Minuchin ao afirmar que surge na criança,

[...] em contraposição à situação narcísica, o imperativo de crescer e transformar-se, por seu turno, em um adulto. Produz-se assim, em termos de evolução psicológica, a passagem – descrita por Freud – da relação narcísica de objeto para a relação objetal que culmina com a instalação do superego (tardio) e a identificação com os pais ou com seus substitutos. [...] uma evolução que vai do egoísmo e do egocentrismo para o amor e a solidariedade. (SOIFER, 1994, p. 23).

Para Soifer, a família, como estrutura social básica, tem como objetivo principal a defesa da vida, através do cuidado físico e das relações familiares e de sentimentos como inveja, ciúmes e narcisismo, amor, respeito, solidariedade, cuidado das características psicológicas de cada sexo, elaboração do Complexo de Édipo. Além disso, deve estimular a criança em todos os aspectos do seu desenvolvimento global, promovendo e ampliando suas relações sociais e profissionais, bem como apoiar relações sentimentais (escolha do parceiro), na consolidação de uma nova família (cf. SOIFER, 1994, p. 25).

Como vimos, a família possui funções muito complexas a serem desempenhadas. O pai e a mãe são responsáveis pelo desenvolvimento evolutivo dos filhos, seu discernimento entre fantasia e realidade. Para Soifer, “[...] na base da formação do superego, como se sabe, encontram-se as imagens protetoras e orientadoras dos pais, na sua qualidade de mestres” (SOIFER, 1994, p. 26). Com a autoridade, temos o limite e os referenciais concretos que ajudarão a criança na sua aprendizagem de contenção dos impulsos destrutivos. Ela necessita desse acúmulo de autoridade de pai e mãe para sentir-se segura e amada, o que não acontece com as crianças

de orfanatos. Com uma aprendizagem adequada, a criança diminui ansiedades, situações persecutórias, depressivas, confusionais, onipotência, ciúmes, inveja, etc.

Segundo a psicanálise, é nas relações com o outro que nos constituímos como sujeito; é o olhar do outro que nos sustenta; é nele que nos espelhamos. São essas trocas que nos subjetivam, que nos sujeitam e fortalecem nossa identidade. Esse é um processo permanente, que nos leva a buscar, nos “entre-lugares”, de Bhabha (1998), espaços de negociação. Portanto, é através das relações interpessoais dentro da família, que a criança conseguirá adquirir o equilíbrio emocional adequado para incorporar as aptidões necessárias ao seu pleno desenvolvimento.

A cultura familiar se manifesta, segundo a forma como cada família encara a realidade do seu contexto. Resultam dessas variações comportamentais respostas diferenciadas, como destaca a autora:

[...] uma família fóbica costuma defender-se com silêncios, circunlóquios, generalizações e idealizações, com o fito de evitar aquilo que sentem como temível e angustiante... [...] a família psicopática, por outro lado, utiliza de preferência as ações, o pedido, a exigência, ao mesmo tempo em que desenvolve um alto grau de sedução. Uma família obsessiva atua com muito pormenor e minuciosidade, cultivando simultaneamente uma firme regularidade em seus hábitos. A família impulsiva se rege por gritos, gestos abruptos, diminuta reflexão, explosões. A família esquizóide utiliza preferencialmente os gestos e menos as palavras, mostra-se parcimoniosa em falar e tem reações tardias. (SOIFER, 1994, p. 34).

Logo, cada grupo familiar apresenta uma forma de comunicação dentro da cultura na qual é influenciado, ou seja, forja sua ideologia própria (anseios e aspirações) em consonância com as ideologias presentes na sociedade. “Tanto a cultura como a ideologia da família podem ser sadias ou enfermizas, conforme o grau de adequação à realidade, que mostrarem” (SOIFER, 1994, p. 35). Logo, é preciso considerar que, muitas vezes, uma conduta familiar, numa certa cultura, pode ser pernicioso para o indivíduo e noutra cultura, não ser, muito pelo contrário.

## **Família: matriz da identidade; valores, estrutura e saúde mental**

Para Minuchin, a família sendo a menor unidade da sociedade, em todas as culturas, é quem dá o cunho da individualidade a seus membros. Para ele, “a experiência humana de identidade tem dois elementos: um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado. O laboratório em que estes ingredientes são misturados e administrados é a família, a matriz da identidade” (MINUCHIN, 1990, p. 53).

No início da socialização, as famílias modelam e programam o comportamento e o sentido de identidade da criança. O sentido de pertencimento leva a criança a solidificar seu lugar de filho daquele pai e daquela mãe, que vivem juntos ou são casados. O sentido de identidade, de ser separado (autonomia), ocorre tanto nos diferentes subsistemas familiares como nos contextos familiares e extrafamilia-

res, onde cada sentido de identidade individual é influenciado por seu sentido de pertencimento a diferentes grupos.

Porém, sabe-se que hoje as famílias estão abrindo mão dessa socialização precocemente, devido às transformações socioculturais e econômicas, que as obrigam a uma reestruturação constante, na busca de fontes fora da família, que sejam adequadas e que garantam, através do cuidado, a continuidade do crescimento psicossocial de cada um de seus membros. (cf. MINUCHIN, 1990, p. 55).

Pode-se dizer que são as famílias, da supermodernidade de Marc Augé, que necessitam reinventar o cotidiano, por isso vão em busca de outros espaços identificados por “não-lugares”, espaços de passagem, que por não serem fixos, são incapazes de dar sentido ou identidade. O “não-lugar” de Marc Augé (2003) é aquele espaço fora do lar, onde as pessoas circulam, sem uma identificação, ou seja, um espaço público, onde a individualidade passa despercebida. Lugares como shoppings, supermercados, aeroportos, etc., onde somente os símbolos da supermodernidade se fazem presentes como cartões de crédito, bilhete de passagem, cartão telefônico.

Retomando Minuchin, diante do funcionamento familiar, a nitidez das fronteiras dentro de uma família é um parâmetro útil para a avaliação de seu funcionamento. Existem famílias desligadas, com fronteiras nítidas ou emaranhadas. As desligadas têm, além de fronteiras excessivamente rígidas entre os subsistemas, uma comunicação difícil e funções protetoras prejudicadas. As emaranhadas giram em torno de seu microcosmos, com uma comunicação exacerbada entre si. São extremos patológicos, que geram sintomas na família. Para Minuchin:

O subsistema mãe-filhos pode tender para o emaranhamento, enquanto as crianças são pequenas, e o pai pode assumir uma posição desligada, em relação aos filhos. A mãe e as crianças mais moças podem estar tão emaranhadas, de modo a tornar o pai periférico, enquanto o pai assume uma posição mais ligada com as crianças mais velhas. Um subsistema pai-filhos pode tender para o desligamento, à medida que as crianças crescem e finalmente começam a se separar da família. (MINUCHIN, 1990, p. 60).

As famílias emaranhadas, para o autor, dificultam a autonomia dos indivíduos, desencorajando-os na exploração e no domínio dos problemas. Nas crianças, as habilidades cognitivo-afetivas ficam inibidas. Nas famílias desligadas, os seus membros podem funcionar de forma autônoma, mas a independência é distorcida, falta sentimento de lealdade, pertencimento e interdependência. (cf. MINUCHIN, p. 60-61). Sem apoio mútuo em sua estrutura, demonstram uma saúde mental frágil entre seus integrantes.

Na psicodinâmica familiar, sabe-se que os sentimentos dos pais são afetados com a vinda de um bebê, pois os papéis e as funções do casal se multiplicam. É necessário, além de um grande tempo disponível, um ambiente seguro e tranquilo para essa criança. Ela precisa não só de uma mãe tranquila, como de um pai dedicado, que apoie sua mãe nas tarefas básicas de cuidar e educar, dentro de um clima afetivo e estimulante.

Para Ackerman, os vínculos familiares são formados pela junção de vários fatores não padronizados, mas evolutivos como: biológicos, pela perpetuação da espécie; psicológicos, pelas necessidades afetivas e sociais; e econômicos, com a manutenção da ordem social e material. Para o autor, “[...] a família não é um sistema perfeito, estabelecido por Deus. Nem é a família o pilar da sociedade. Ao contrário, a sociedade molda a função da família para seu maior proveito”. (ACKERMAN, 1986, p. 30).

Dando continuidade, o autor reforça que, na contemporaneidade, a história nos faz examinar com muito cuidado os aspectos patogênicos da estrutura social. Fenômenos como tensões e conflitos no grupo, ansiedade nas relações interpessoais e a psicopatologia social na família são alguns deles. Quando se vive num sistema social organizado e adequado, as pessoas logo se adaptam à ética dominante e aos costumes das famílias, sentindo-se parte da comunidade. Se o sistema é desajustado, inseguro e não previsível, elas não se adaptam ou o fazem superficialmente, gerando as desordens e os desequilíbrios que desintegram o núcleo moral e ético das atuais famílias. Segundo o autor, “[...] há cinquenta anos atrás as pessoas eram perturbadas por uma consciência excessivamente rigorosa e esmagadas por um peso excessivo de culpa, hoje muitas são amorais, volúveis e destrutivas em suas relações humanas”. (ACKERMAN, 1986, p. 322).

O referido autor acha importante rever os valores da família e redefini-los novamente, pois eles não são somente pessoais, mas também sociais, já que são assimilados no grupo, que fornece ao indivíduo orientação às suas relações, na família e na sociedade em que vive, desde seu nascimento até sua morte. Conforme amadurece, vai fazendo parte de outros grupos sociais como a família da infância, a creche, a escola, os amigos, os vizinhos, o trabalho e a uma nova família. Sua identidade e valores vão se moldando; aumenta o grau de adaptação a essas novas realidades à medida que exerce diferentes papéis sociais. Adaptar-se é estar em constante negociação, numa busca incessante de um entre-lugar na cultura.

O autor reforça, ainda, que “identidade psicológica e orientação de valores são representações nucleares do funcionamento tanto de indivíduos como de grupos. Elas dão cor e caráter ao comportamento social.” (idem, p. 323). Ou seja, fatores identitários como físicos, emocionais, intelectuais, etc., associados à posição social e cultural, nos fazem atribuir às diferenças das pessoas um valor subjetivo. Para Ackerman, a diferença e a igualdade podem ser vistas como as duas faces de uma mesma moeda, pois é confrontando a diferença que reconhecemos a igualdade subjacente e sua eventual harmonia. Para ele, é na sua família que a criança, desde pequena, constitui-se subjetivamente, apreende os valores, ao partilhar experiências, numa interação emocional entre seus membros. Se aprender a resolver os conflitos de forma compartilhada, os resultados serão favoráveis, mas “[...] quando os processos da relação movem-se em direção a uma alienação irreversível nós, em algum lugar, violamos a natureza humana”. (Idem, p. 325).

Identities and values are intimately related. Families that fight for freedom of expression, creativity and spontaneity, are very rich in

sua intimidade (amor, devoção, troca e cumplicidade). São famílias cooperativas, fortalecidas, preparadas para as transações com a comunidade externa. Famílias rígidas, com o autocontrole e o dever, não têm saúde mental, pois valorizam o prestígio social, a competição e o individualismo. Fortalecem o sentimento de fracasso, autoestima baixa e inferioridade. Comportamento inseguro gera ansiedade, falta de proteção, fechando-se ao mundo externo; confinadas, reduzem, ao mínimo, o intercâmbio significativo com o mundo exterior, que lhes parece áspero e traidor. A não proteção entre os membros provoca ressentimentos dentro da família. Rompe-se sua unidade e surgem as alianças entre os pares, criando divisões emocionais que colocam uns contra os outros, alienando, assim, um dos pais do resto da família. Sua comunicação com o mundo externo passa a ser hostil e cheia de medos e rejeições. É onde se originam os comportamentos preconceituosos de desrespeito ao outro, de dominação, de controle e autoritarismo. Portanto, a família necessita de muita saúde mental e inteligência emocional, para encontrar soluções efetivas, frente às diferenças e aos conflitos de valores, pelos quais vem passando, nos dias de hoje.

## **Organização familiar frente às crises da pós-modernidade**

Roudinesco também se preocupa com o papel da família, com sua transmissão de valores já consolidados que, por sua vez, garantem a constituição dos sujeitos. Para ela, a desordem familiar implica diretamente nos papéis de pai e mãe, de homem e mulher, a necessária gestão da autoridade, na educação das novas gerações, dentro dessa nova realidade de “desejo de família”, expresso pelos homossexuais, que, até bem pouco tempo, na França, reivindicavam apenas o direito à diferença. Eles, que buscavam a ruptura, com a ordem vigente e com esta família, que sempre repeliu sua preferência sexual, agora tentam criar uma nova moral, na busca de se integrar e se normalizar, reivindicando o direito ao casamento, à adoção e à procriação assistida.

Se, atualmente, as mulheres “dominam” a procriação, se os homossexuais têm o poder de assumir um lugar no processo da filiação, e se a liberdade sexual é, ao mesmo tempo, ilimitada e codificada, transgressiva e normalizada, a autora reflete sobre a figura do pai e se ele não estaria condenado a não ser mais do que uma função simbólica. A autora tenta compreender o contexto da família na pós-modernidade e constata que o princípio da autoridade, sobre o qual a família sempre se baseou, encontra-se em crise na sociedade ocidental. Para ela, essas são desordens já antigas, mas “[...] que não impedem que a família seja atualmente reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar... tornando-se, afinal, [...] um lugar de resistência à tribalização orgânica da sociedade globalizada”. (ROUDINESCO, 2003, p. 198-199).

Quanto à questão da paternidade de casais homossexuais, a autora não endossa a maciça reprovação expressa por vários importantes psicanalistas franceses, mas também não nega a difícil situação desses casais homossexuais e de seus filhos.

Para ela, uma criança ter pais heterossexuais não lhe garante não ter traumas nem ausência de sofrimento. Com certo otimismo, a autora acredita que a família humana se reinventa permanentemente, mantendo-se desde o início dos tempos, como uma instituição insubstituível para nossa própria constituição de sujeitos humanos.

## **A família contemporânea como promotora da educação inclusiva**

Considerando-se que a família é o grupo social primário do indivíduo, onde passará a maior parte do tempo, é ela, em primeira instância, quem moldará seus valores, sua concepção do mundo e sua autoimagem. Uma criança, desejada ou não, advinda dessa família, com características próprias, de determinado nível socioeconômico, numa determinada cultura, em permanente transformação, mesmo antes de vir ao mundo, recebe influências de sua família. Ao nascer, através da dinâmica das relações interpessoais, passa a internalizar os diferentes papéis sociais, inclusive o seu lugar e seu papel a ser desempenhado nesse contexto. Seu lugar na sociedade, seu sucesso ou fracasso, dependerá e muito do que vivenciou e internalizou, nos seus primeiros anos de vida, em sua família de origem.

Um casal “grávido” leva toda a família a ficar na expectativa de como será o bebê. Ninguém imagina que virá uma criança com algum tipo de deficiência, ou que venha a adquirir uma doença crônica. Quando isso acontece, a família entra em crise, desestruturando-se, pois todos os seus sonhos dissipam-se frente à triste realidade. Segundo Rosana Glat, o impacto psicológico é tão grande, que coloca os papéis da família em cheque; os sentimentos, agora ambivalentes, precisam ser (re)vistos. Instala-se um luto: o luto do bebê sonhado. Em seu lugar, a família toda precisa colocar aquele bebê que não era esperado, que não era desejado, mas que está aí, que precisa ser visto, olhado e, principalmente, sentido e amado. Frente a sentimentos ambíguos, a família, agora denominada de família inclusiva, busca o isolamento social como um refúgio à sua dor. Para a autora, com a deficiência do bebê, a família terá uma sobrecarga emocional maior, onde “[...] o choque da descoberta, o desespero, o desapontamento, e, acredito talvez a sensação mais forte – o medo de futuro desconhecido e não-programado.” (GLAT, 1996, p. 111-117).

Esconder o fato de todos e o isolamento são comportamentos comuns da família diante do desconhecido. É uma forma de proteção aparente, pois tais atitudes só ampliam as barreiras já existentes, fortalecendo ainda mais a ignorância cristalizada no imaginário social. A busca de apoio especializado em Estimulação essencial e de outros profissionais especializados, desde os primeiros dias, é fundamental. Uma família fortalecida torna-se naturalmente inclusiva, pois com um suporte adequado vai, progressivamente, desmistificando a deficiência para si e para todos, gerando mais estabilidade emocional. Com o crescimento e o desenvolvimento da criança, os pais e os familiares devem valorizar suas conquistas. Devem sempre ver a criança e nunca sua deficiência, valorizar sempre suas diferenças e competências pessoais como senso inerentes à sua constituição subjetiva.

O investimento deve ser imenso e permanente da família inclusiva. É uma corrida frenética contra o tempo. Estimular o bebê, atender às suas necessidades específicas, passa a ser o foco principal. Resgatá-lo subjetivamente fará toda a diferença, e somente sua continuidade poderá garantir-lhe uma vida plena e um futuro com mais qualidade. O trabalho de mediação terá de ter qualidade, desde o início, ser transdisciplinar, dentro e fora da família. É esse acolhimento, que vai favorecer ou impedir a inclusão da criança, na família, na sua comunidade, no contexto, como marcas da cultura. Tentar incluir fora, na sociedade, o que não foi incluído dentro da família, será utópico.

Sabe-se que a origem do indivíduo não acontece no ato da sua concepção física, mas como nos diz Winnicott, “no ato de conceber mentalmente.” (Winnicott, 1994, p. 43). Desde que nasce, o bebê precisa ser segurado e manipulado. “Segurar e manipular bem uma criança facilita os processos de maturação, e segurá-la mal significa uma incessante interrupção desses processos, devido às reações do bebê às quebras de adaptação”. (Winnicott, 1994, p. 54). Seguro aprende a adquirir confiança no mundo e ultrapassa todas as fases de seu desenvolvimento emocional muito rápido, pois a base de sua personalidade estará garantida. É na amamentação que são lançadas as bases de um relacionamento humano; é quando o bebê estabelece sua capacidade de se relacionar com os objetos e com o mundo. Confiante, numa família inclusiva fortalecida, o bebê terá maiores chances de ver suas diferenças reconhecidas e valorizadas, nos diferentes espaços da sociedade em que vive.

Uma família que se diz inclusiva, com o apoio especializado em estimulação precoce, saberá buscar os recursos necessários e de direito a uma educação inclusiva de qualidade a seu filho(a), desde o berçário, na educação infantil, pois terá como referencial a sua capacidade produtiva e não o seu déficit. Não estará em busca de reeducação ou readaptação, mas de uma educação que o(a) habilite para a autonomia, que desenvolva habilidades, dentro de suas possibilidades momentâneas, que respeite sua individualidade e diferenças. Bem informada, a família inclusiva contribuirá com as propostas educacionais e de serviços complementares e suplementares contemplados nas políticas públicas vigentes no país.

Ao ser participativa na escola, poderá questionar a formação inclusiva dos professores, o planejamento psicopedagógico, as avaliações, os pareceres e até, se necessário, os laudos médicos. Uma família inclusiva, ativa e consciente de seu dever, além de dar o melhor exemplo de cidadania a seu filho(a), através de suas ações, será o alicerce da escola e da sociedade inclusivas do século XXI. Essa família estará sempre em busca de lugares e de espaços que respeitem as diferenças e que valorizem as identidades, provocando um movimento inclusivo que resultará na interpenetração dos lugares e não-lugares na cultura. Para Augé, “[...] a possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares (e que sonha, por exemplo, com uma residência secundária enraizada nas profundezas da terra)”. (AUGÉ, 2003, p. 98).

## Considerações finais

Estudar e refletir sobre a família, nos dias de hoje, é um grande desafio. Pensar na família inclusiva, então, nem se fala. Ao se fazer uma reflexão sobre a família, sua importância e o seu verdadeiro papel na sociedade contemporânea, pela sua complexidade, exige a busca de um aporte teórico multidisciplinar e um olhar holístico e transdisciplinar. São os conhecimentos da psicologia, da psicanálise, da antropologia, da medicina, da sociologia, da história e da educação que, entrelaçados como pano de fundo, podem nos dar um melhor vislumbre a esse fenômeno intrigante, em permanente transformação, que é esta instituição chamada “família”. Todas se ocupam em estudar os sujeitos e suas relações no mundo que, na busca incessante por um lugar na cultura, dentro de um tempo e espaço determinados, buscam, numa permanente negociação, em seu cotidiano, os “entre-lugares”, como sinaliza Homi Bhabha, os lugares e “não-lugares”, como bem diz Marc Augé, (re) construindo e fortalecendo suas identidades e, ao mesmo tempo, marcando suas diferenças nas diversas culturas.

Sabe-se que as crises, os conflitos e as desordens geram nas famílias graves consequências, que se refletem diretamente na sociedade. Sabe-se também que é na família que todos constroem seus relacionamentos e sua identidade social, trocam experiências e realizam seus projetos em comum, apesar dessas desordens. A família precisa ser um espaço de conflito cooperativo, para gerar bem-estar a todos; um espaço de proteção total, de sobrevivência e de desenvolvimento, que integre aportes afetivos e materiais, que garantam a sua subsistência. Por isso, a família inclusiva é ainda mais especial, pois, além de enfrentar os problemas comuns a todas as famílias, tem um papel ainda mais relevante, que é o de resgatar a solidariedade humana, fortalecendo a inclusão social. Portanto, a sua luta incessante torna-se ainda mais marcante na busca de “entre-lugares”, “lugares” e “não-lugares”, como espaços que se entrecruzam e que deixam suas marcas na cultura da supermodernidade.

## Referências

ACKERMAN, Nathan W. *Diagnóstico e Tratamento das Relações Familiares*. Trad. Maria Cristina R. Goulart. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

BHABHA, K. Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

GLAT, Rosana. *O papel da família na integração do portador de deficiência*. Revista Brasileira de Educação Especial. Vol. II, 1996, n. 4, p 111-117.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Trad. Jurema Alcides Cunha, M. A., L. D. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Trad. Jurema Alcides Cunha, M. A., L. D. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SOIFER, Raquel. *Psicodinamismos da Família com Crianças: Terapia familiar com técnica de jogo*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Recebido em: 18/12/2010

Aprovado em: 05/06/2011